O tricentenario

(D'«A Republica», de Fortaleza).

Datas como a que hoje revive á lembrança deste povo e que o amor patrio tinge de suave colorido arrebatam os corações atravez dos horisontes diaphanos da poesia, que reflectem a tenue claridade do passado, em largos vôos para o progresso e para o porvir.

Contentamento de velhos e alegria de moços vão tacteiando o escuro de trezentos annos por entre as gratas harmonias desta manhã, que borrifa de prata a campina anilada, a divisar por entre as nevoas da historia vestigios daquelles que primeiro remiraram com olhos de affecto a indescriptivel paysagem desta terra gentil e formosa desabrochando em exhuberantes thesoiros de luz e verdura.

Sem a immensa obra de Colombo dilatando o oceano e o céo para alem das barreiras conhecidas, multiplicando as constellações e os sóes pelo rejuvenescimento da vida e florescencia dos espaços; si por uma intuição maravilhosa não houvera levantado o véo de chumbo que entorpecia o mar e descerrado as trevas que fechavam os caminhos a todas as indagações scientificas; si a sua caravela, ao ir de encontro ao novo continente desconhecido, não molhára o rostro no pe-

lago infinito que se abria á indizivel realidade da visão tantas vezes mallograda: talvez o acaso não deparasse a Cabral a ventura extraordinaria de Porto Seguro, gloria que alguns disputam, concedendo-lhe tão somente a felicidade de acertar com a derrota de outros navegadores e inconscientemente seguir a esteira de outras quilhas ..

Como quer que seja, Cabral passa por ser o nosso descobridor, o que, nesta gigantesca cathedral de rubis e esmeraldas, presidiu o noivado da floresta virgem com os primeiros esplendores do trabalho.

As rosas deste hymeneu vêm reflorindo no lento decurso de quatro seculos, e mesmo que um dia logre delir-se a memoria das conquistas que se seguiram ao nosso descobrimento, e a Republica chegue a assegurar-se de que as ambições externas não poderão attentar contra a integridade do seu territorio e a sua independencia politica, não deixarão ellas de inebriar com os seus effluvios a alma das gerações que se forem succedendo.

Como nós, os vindoiros hão de querer saber o numero de evoluções tardias, que o paiz foi obrigado a completar, e quantos seculos levou em aperfeiçoar essa cultura européa um dia aportada ás suas plagas em hora propicia.

Quando em cogitações profundas pelas regiões da historia adquerimos a certeza de que, desde a palavra até a geographia e explorações do nosso territorio, desde o pão com que nos alimentamos até a religião que é o pão do espirito, tudo devemos aos primitivos povoadores do solo nacional, não podemos calar sentimentos da mais carinhosa e reconhecida sympathia pela velha patria occidental que á custa de heroicos esforços nos trouxe á communhão da vida, fazendo que emergissemos do nada ao refulgente scenario do mundo.

Portugal, que por entre perigos incessantes e por *mares nunca dantes navegados*, concretisa em seus fastos a maior somma de intrepidez, perseverança e heroismo,

levando a sciencia e o christianismo ás partes mais distantes do globo, rasgando novos horisontes á civilisação, e creando com sua navegação medieval a maior epopéa da sua existencia synthetisada na maior epopéa litteraria da sua lingua, revê-se nesta glorificação de hoje transfigurado em Pero Coelho galgando os sêrros da grande cordilheira de Ibiapaba, para fundar a primeira capitania em terras do Ceará.

Que era esta região?

Um paraiso, afortunado sitio que a mão da Providencia povoara de verdes montanhas e valles graciosos; gleba de opulentas seivas, clima de esplendida amenidade, céo de saphira, mas tudo solidão, onde não se infiltrára o pollen fecundante da actividade que géra o progresso.

Verdade é que outros homens civilisados haviam precedido áquelles, mas sem o intuito de se estabelecerem: eram bandos de aventureiros que corriam pressurosos á caçada do véllo aurifero. Não edificaram egrejas, não se entregaram á conversão dos indios, delles somente se utilisando para monopolisar as riquezas que iam dessoterrando.

Os portuguezes, mais humanos, melhormente inspirados pelo amor á cultura, visavam fundar colonias, arrotear terras condemnadas a uma esterilidade relativa, a produzir somente os fructos espontaneos do solo, fructos em estado selvagem como os animaes ferozes que ainda as dominavam.

Para isso punham em pratica uma inquebrantavel perseverança na cathechese do elemento indigena, em imprimir-lhe as noções rudimentares da propriedade, a distincção entre o justo e o injusto.

Trouxeram missionarios, construiram aldeias, edificaram templos e escolas, e innumeros foram os que se sagraram martyres nas horriveis hecatombes e morticinios dos barbaros, depois de terem regado, no mais acrysolado amor, a estranha terra com o suor.

Passou a tentativa de Pero Coelho, vieram após os jesuitas, e por fim Martim Soares Moreno, que na ingente elaboração do renascimento de um povo lançou os principaes germens da nossa individualisação, instituindo novas colonias e assegurando a estabilidade de florescimento ás já instituidas.

A expulsão dos demais factores ethinicos, porem, determinada pelo egoismo da absorpção, teve sobre a nossa existencia uma influencia retrograda. Raça já decadente, os portuguezes necessitavam de outras raças mais novas, mais fortes, viris e intelligentes, praticamente affeitas aos modernos resultados da sciencia, para a influenciar e dirigir.

A superioridade da Europa em face do mundo provem da superioridade da raça, e a transformação operada na America do Norte é uma prova incontestavel dessa verdade.

Aqui como em toda a parte do Brasil, salvo alguns Estados do sul, a colonisação está inteiramente por fazer.

Quando esta commemoração, pois, não tivesse outra significação, entremostraria a colonisação como o supremo idéal de prosperidade e grandeza nas perspectivas longinquas do futuro.

GRACCHO CARDOSO.